

RELATO DE EXPERIÊNCIA – ESCOLA INCLUSIVA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Maria Tereza Jacome Silveira Goulart¹

Para relatar minha experiência com o trabalho de inclusão terei que ressaltar, antes de falar dos benefícios, que independentemente de ser um direito explícito na Constituição Federal, a escola, antes de mais nada, deve acreditar na inclusão de todos que dela fazem parte. Que através dos diferentes sujeitos e saberes que a constituem é que poderemos refletir, criticar, atuar, acelerar e, quando necessário, retroceder.

Uma escola inclusiva jamais estará pronta. A cada ano ela se constrói na interação, nos encontros e nos diferentes olhares que surgem no dia-a-dia.

Imaginar este espaço como o maior responsável por transmitir conteúdos, preparar seus alunos para o futuro, ser avaliada como uma grande escola - porque há em sala aproximadamente 30 alunos - é afastar a possibilidade de ser uma escola inclusiva.

Mudanças se fazem necessárias, conceitos necessitam mudar e as diferenças precisam aparecer.

Uma escola inclusiva foge dos padrões, não acredita em turmas homogêneas e reconhece ser necessária uma maior disponibilidade por parte de todos que a constituem.

O professor precisa romper com o conceito de que alunos são capazes porque já têm a idade apropriada. Precisa acreditar que no convívio com as diferenças, no papel de aprendiz, terá a possibilidade de crescimento enquanto cidadão, capaz de viver as diferenças de uma sociedade com respeito, solidariedade e exercendo de forma crítica e digna o seu papel.

E por fazer parte de uma escola que, por princípios filosóficos e ideológicos, acredita que as crianças são sujeitos, independentemente de suas diferenças, com os mesmo direitos, é que demos início ao trabalho de inclusão do portador de necessidades especiais no ensino regular, trazendo novas oportunidades para todos.

Com esse novo olhar, fomos construindo em nós e no nosso trabalho, a idéia de que *"somos todos diferentes"*.

No ano de 1986 nos solicitaram uma vaga para uma criança com Síndrome de Down, e a partir deste momento, aceitamos este novo desafio.

¹Pedagoga, Pós Graduada em Educação Infantil.
Diretora Pedagógica da Escola Favinho e Mel.

Inicialmente sentamos com nossa equipe e deixamos que neste encontro surgissem, por parte de todos, diferentes sentimentos.

Ao final do mesmo, tínhamos claro que este desafio era viável e que para termos sucesso, teríamos que nos despir dos conceitos que até então trazíamos. Não nos tornaríamos uma escola especial, tampouco um espaço clínico. Mas partindo do princípio que todos carregávamos em nossas bagagens diferentes experiências, e que as trocas entre todos nos levariam a descobrir novos caminhos. Certas de que precisaríamos ter maior sensibilidade e flexibilidade para percorrer, de diversas formas, este novo momento em nossa escola.

Acredito no potencial de todo ser humano, e sabia que nas experiências inclusivas trilharíamos por diversos caminhos. Certamente construiríamos nosso percurso entre erros e acertos, buscando uma escola de qualidade em que todos, pais, alunos, funcionários e terapeutas, estariam inseridos.

PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Em 1986, quando nos deparamos com o primeiro aluno portador de necessidades especiais, tínhamos uma única certeza: que esta construção deveria ser coletiva. No dia-a-dia, observamos que questionamentos surgiam entre a equipe e que, através dos mesmos, daríamos início a este trabalho. Ao final de algum tempo, considerado o suficiente para este primeiro contato, tínhamos claro que partiríamos do que estas crianças tinham como bagagem e não do que lhes faltava.

Nesta época, trabalhávamos apenas com educação infantil e nossa proposta, ao receber estas crianças, era a de incluí-las no grupo onde mais se identificassem. Partindo então de suas descobertas as estimulávamos em busca de novas conclusões.

No caminho desta experiência vivenciamos diversas situações com as quais aprendemos muito. A cada momento novos desafios surgiam. Trilhar um percurso com uma criança Down não significava obter igual sucesso com outra também Down. A cada aluno que nos chegava precisávamos refletir e nos reorganizar, buscando trabalhar a particularidade de cada aluno, e ao mesmo tempo trabalhar na coletividade.

As famílias que constituíam a escola também traziam em suas experiências diferentes conceitos. Por alguns éramos “aplaudidas” por esta iniciativa, por outras, questionadas em nossa função como escola: _ Vocês farão um planejamento separado? – Nossos filhos não ficarão prejudicados?

Este era um momento delicado, pois, como escola particular, “precisávamos” destas famílias e não poderíamos correr o risco de “perdê-las”, mas também não conseguiríamos mais trabalhar sem a inclusão. Muitos encontros realizamos permitindo que estas famílias deixassem aparecer seus sentimentos, assim como o foi permitido à nossa equipe.

Fomos procuradas por uma mãe que nos dizia estar muito feliz pela oportunidade que sua filha estava tendo na convivência com crianças portadoras de necessidades especiais. No entanto, sua filha chegava em casa bastante incomodada e com receios nesta nova relação. O relato desta mãe nos levou a refletir e a repensar nossa prática. De que forma estávamos trabalhando estas dificuldades entre os alunos? E assim, com a participação de todos, iniciamos um trabalho com os alunos, permitindo que os mesmos falassem desta nova relação que começavam a experimentar; possibilitando que, "sem culpas" e com transparência, a filha desta mãe que havia nos procurado pudesse expressar: "Eu gosto de brincar com ele mas, "sinto nojo" quando ele come cabelo e fica com cheiro ruim".

Situações como esta nos dão a certeza que deixando que apareçam as diferenças, e vivendo-as no nosso dia-a-dia obteremos, de fato, a inclusão de todos.

Mas como conduzir este trabalho e que estratégias utilizar?

"Na infância a imaginação, a fantasia, o brinquedo não são atividades que podem se caracterizar apenas pelo prazer que proporcionam. Para a criança, o brinquedo preenche uma necessidade: portanto a imaginação e a atividade criadora são para ela, efetivamente, constituidoras de regras de convívio com a realidade." (Jobim e Souza – 1995, p.148).

Em nossa prática na educação infantil, partimos do princípio que as crianças reproduzem o que vivem em outras experiências, com outros sujeitos, nas suas brincadeiras. Utilizam-se de diferentes materiais para representar o real.

Sendo assim, nossa proposta acontece através de brincadeiras e atividades que favoreçam a construção de nossos alunos, através de sua imaginação e da troca com o outro.

Nossa escola foi crescendo e a vontade de dar continuidade a este trabalho nos fez montar o primeiro segmento do ensino fundamental.

Novas dúvidas, medos e desafios surgiram. Trabalhar a inclusão na educação infantil era viável, porém, como seria alfabetizar, seguir um plano de curso, avaliar?

Um novo caminho nos aparecia, mas como trilhar "presas" ao que é esperado pelo mercado? Pelas famílias que buscam a escola, como um espaço que irá preparar o seu filho para os "vestibulinhos"?

Novos encontros, inúmeras discussões, diversas tentativas... Mas com a certeza que não poderíamos abrir mão do que já havíamos construído. Éramos uma escola que preparava para o mundo, para a vida e que o saber adquirido neste espaço, só teria sentido se vivido por nossos alunos, na sua prática, no seu dia-a-dia, dentro ou fora deste espaço chamado escola. Não nos prenderíamos a este sistema, que cada vez mais busca a competitividade,

que nas entrelinhas, leva o aluno ao desejo de ser o melhor, e não de fazer da sua trajetória escolar, assim como da sua vida, quando “livre” deste espaço, uma vida melhor, digna, com respeito e solidariedade às diferenças.

Assim iniciamos o nosso trabalho com o ensino fundamental. Nova equipe e novas dúvidas surgiam. Como incluir estas crianças quando já se necessita uma diferente formalização dos conteúdos que estão sendo propostos?

Este trabalho vem se construindo, gradativamente, entre “erros e acertos”, vivenciamos diferentes situações. Inicialmente, acreditamos que o respeito ao tempo de cada um era o suficiente e que as avaliações não seriam problema, pois tínhamos como crença, que o aluno não pode ser avaliado apenas por uma prova, mas sim por tudo que produz ao longo do ano letivo.

E assim, começamos o nosso trabalho. Situações diferentes foram surgindo, necessidades de reorganização, novas estratégias e a participação das famílias e terapeutas neste processo eram fundamentais. As crianças iam crescendo, as “dificuldades” eram mais visíveis e não podíamos deixar que isto as levassem ao desconforto e ao insucesso. “Terminar sempre por último” levaria qualquer um à baixa auto estima, ao desânimo de produzir. Afinal, acabar na frente uma tarefa é sobrar tempo para esquecer da vida, relaxar e “curtir” o não fazer nada. Baseadas nesta observação, fizemos a opção de nos momentos de formalização dos conteúdos, que aconteciam sempre após a explicação e vivências com diferentes materiais, lançar mão de atividades diversificadas, proporcionando maior entendimento e autonomia aos mesmos. Nesta nova empreitada, percebemos que a construção deste trabalho diversificado, para determinados alunos foi o “pulo do gato” que lhes permitiu vislumbrar maior independência, rapidez e sucesso. Para outros, sentimos que ainda não era o suficiente. Necessitavam da utilização de novas estratégias, de um maior apoio e detalhamento por parte do adulto. Continuávamos a nos questionar o que mais poderíamos fazer para que todos pudessem com prazer viver o seu aprendizado?

Nos encontros com terapeutas, nos foi proposto lançar mão de mais um adulto em sala de aula, para que este suporte pudesse acontecer. Refletindo sobre esta proposta, concluímos que seria uma possibilidade e assim optamos por trabalhar com estagiárias das áreas humanas.

Iniciamos então uma nova discussão: de que forma esta estagiária entraria no grupo? Tínhamos claro que esta não poderia atender apenas as crianças portadoras de necessidades especiais, afinal nosso objetivo era somar ao sucesso destas, e jamais criar dependência nas mesmas. Estabelecemos então que mediante a necessidade de apoio este aconteceria ora pela professora, ficando a estagiária com o restante do grupo, ora com a estagiária.

Este trabalho vem acontecendo desta forma de maneira confortável e prazerosa para todos. A participação e sucesso alcançado eram visíveis.

O crescimento destas crianças, bem como do restante do grupo aconteceu de maneira harmoniosa, intensa, permitindo um melhor aproveitamento.

Finalizando este relato, gostaria de ressaltar que durante este percurso esbarramos em grandes dúvidas e em grandes certezas. Momentos de muito prazer, momentos de muita angústia.

Percebemos que o preconceito ainda é grande. Quando nossos alunos terminam a quarta série, as famílias entram em pânico: e agora, onde colocar meu filho? As escolas alegam não ter estrutura... Turmas com trinta crianças e um professor... Na quinta série são várias disciplinas e vários professores...

Tenho a sensação que estes pais vivem um novo nascimento desse filho, medo, ansiedade e às vezes, o questionamento: "será que vale à pena investir?"

Certamente, nós educadores somos responsáveis por isso. Devemos buscar, em nossa prática, coragem para mudar, romper e sair em busca de novos rumos. Não ter medo de reconstruir, transformar esta escola.

Não negarei que o trabalho é árduo, por vezes angustiante, porém o resultado é extremamente gratificante para todos que tiveram a oportunidade de vivê-lo e crescer como sujeitos singulares e diferentes.

Neste caminho que percorremos, algumas vivências deixaram suas marcas, as quais procuramos tê-las sempre presentes em nossa prática como:

- A importância de envolver os funcionários dos diversos setores da escola, através de reuniões coletivas ou individuais, onde possamos sempre pensar nas dúvidas e sucessos vividos, discutindo com muita transparência nossa prática.
- Com os professores e estagiárias em reuniões semanais, tanto individuais quanto coletivas, onde nos avaliamos assim como a prática de sala de aula, fazendo com que este trabalho encontre-se sempre em movimento, retrocedendo quando necessário e avançando quando possível. Atentas ao coletivo para que de fato esta relação não seja imposta por uma "falsa" moral e, sim, vivida por acreditar no respeito as diferenças.

Cientes de que, para que de fato este trabalho possa acontecer, necessitamos (direção, supervisão, professores e estagiárias) de maior disponibilidade de tempo, assim como de flexibilidade na elaboração das atividades, com uma prática desprovida de receios e de coragem para arriscar.

- Com os alunos, sem comprometimento, trabalhando sempre para que os sentimentos apareçam e, baseadas nos mesmos, possamos viver as diferenças acreditando que desta forma também estaremos

construindo uma sociedade mais digna e cidadãos que, certamente, buscarão a ética como norte em suas vidas. Cidadãos com coerência entre a prática e o discurso.

- O atendimento às famílias das crianças “rotuladas” como não portadoras de necessidades especiais, permitindo-lhes que falem de seus receios, sem medo de serem julgadas, afinal, a maioria destes familiares, não teve a possibilidade de viver, quando estudantes, esta experiência em suas escolas e cresceram em uma sociedade preconceituosa, desigual e com exclusões de toda a ordem.
- Com os terapeutas, que nos ajudam somando conhecimentos, trocando constantemente, possibilitando-nos uma maior compreensão diante de diferentes situações que surgem.
- Com os pais de crianças portadoras de necessidades especiais, temos encontros para falarmos de seus filhos, discutirmos as diferentes observações (casa X escola) e estratégias experimentadas. E momentos onde o foco principal é deixar que estes pais possam falar de suas angústias, receios e dificuldades, entendendo que, como nós, eles estarão se construindo para incluir este filho nesta família. Afinal, crescemos homens e mulheres com a expectativa de gerar filhos “normais” e iguais.
- Com as crianças portadoras de necessidades especiais, procurando deixar sempre claro em nossa prática que vamos defender até o final a possibilidade de realizar um trabalho onde elas possam desenvolver suas potencialidades, viver suas diferenças, participando como cidadãos do mundo à sua volta.

Enfim, educar é um ato infinitamente apaixonante. Viver estas experiências, refazer a nossa escola e buscar os nossos sonhos, muito nos tem transformado e, sem dúvida, a todos que conosco caminharam. Tornamo-nos mais diferentes, mais singulares e muito mais felizes, pois estamos conseguindo viver o que um dia foi apenas um sonho.